

SUE  
MONK  
KIDD

A

CADEIRA  
DA SEREIA





SUE  
MONK  
KIDD  
A  
CADEIRA  
DA SEREIA

Tradução

THEREZA CHRISTINA ROCQUE DA MOTTA

8 1  
8 1  
8 1  
8 1

*Para Scott Taylor e Kellie Bayuzick Kidd, com muito amor*

*Não te amo como se fosses rosa de sal, topázio  
Ou flecha de cravos que propagam fogo:  
Te amo como se amam certas coisas obscuras,  
Secretamente, entre a sombra e a alma.*  
Pablo Neruda

*Os amantes não se encontram finalmente nalgum lugar.  
Eles sempre estiveram um dentro do outro.*  
Rumi

# Prólogo

A certa altura do meu casamento, quando eu era apenas a mulher do Hugh e a mãe da Dee — uma dessas mulheres que não expressam nenhuma ambiguidade ou desejo de perturbar a ordem das coisas —, me apaixonei por um monge beneditino.

Aconteceu durante o inverno e a primavera de 1988, embora, apenas hoje, um ano depois, eu me sinta capaz de falar sobre isso. Dizem que só conseguimos suportar um problema se formos capazes de falar sobre ele.

Sou Jessie Sullivan. Estou na proa de uma balsa, olhando para a baía do Touro, na direção da ilha da Garça, uma pequena formação costeira ao longo da Carolina do Sul, onde eu cresci. Vejo-a quase a um quilômetro e meio de distância, recortada em meio ao mar, um semicírculo mesclado de tons de verde e terracota. O vento está impregnado com cheiros da minha infância, e a água tinge-se de um azul mais denso, brilhando como tafetá. A noroeste da ilha ainda não é possível ver a torre da igreja do mosteiro, mas sei que ela está lá, cortando o céu branco da tarde.

Surpreendo-me ao perceber como me sentia bem antes de conhecê-lo, como eu sabia viver no menor espaço possível, meus dias como pequenas contas correndo sem paixão entre meus dedos. Poucas pessoas sabem do que elas são capazes de fazer. Aos quarenta e dois anos, eu nunca havia feito nada que realmente amasse, e percebo agora que isto foi parte do problema: a minha inabilidade crônica de me surpreender.

Juro que ninguém pode me julgar mais severamente do que eu mesma. Sei que causei um imenso desconforto. Certas pessoas me dizem que caí em desgraça, mas elas estão sendo gentis: não caí... eu mergulhei.

Muito tempo atrás, quando meu irmão e eu costumávamos remar num pequeno bote através do emaranhado de salinas na ilha e quando eu ainda me sentia destemida, andando para todo lado com meus longos cabelos estranhamente enfeitados com musgo, meu pai me dizia que havia sereias vivendo nas águas em torno da ilha.

Contava que as tinha visto certa vez de seu barco — no lusco-fusco cor-de-rosa do alvorecer, quando o sol se erguia como uma bola de fogo vermelha sobre o mar. As sereias nadaram até ele, ondulando como golfinhos, disse, saltando e mergulhando sobre as ondas.

Eu acreditava em qualquer coisa estranha que ele me contasse. “Elas se sentam nas rochas e penteiam os cabelos?”, perguntei a ele uma vez, sem me atentar ao fato de que não havia rochedos em volta da ilha, apenas uma vegetação pantanosa que alterava suas cores conforme a estação do ano — o verde adquiria um tom marrom-amarelado, e depois se tornava verde novamente —, o interminável ciclo da ilha, o mesmo que regia meu corpo.

“Sim, as sereias sentam-se nas rochas e se enfeitam”, respondeu meu pai. “Mas sua principal missão é salvar os seres humanos. Por isso, elas vieram até meu barco, para estar por perto caso eu caísse na água.”

No final, as sereias não o salvaram, mas me pergunto se talvez não tenham *me* salvado. Sei apenas disto: as sereias finalmente vieram ao meu encontro nas horas mais difíceis da minha vida.

Elas são meu consolo. Por elas, mergulhei com os braços abertos, deixando minha vida passar por trás de mim, num salto contra tudo o que eu tinha e o que eu mais esperava, porém um salto que, de alguma forma, serviu como o resgate de que eu precisava. Como posso explicar ou avaliar isso? Eu mergulhei e dois braços invisíveis e infinitos se projetaram do nada, como se a compaixão, de repente, se materializasse. Elas me seguraram assim que toquei na água, conduzindo-me não para cima, mas para o fundo; somente então me puxaram de volta à superfície.

No momento exato em que a balsa se aproxima do cais da ilha, uma brisa me atinge, carregada de coisas: o cheiro dos peixes, o alvoroço dos pássaros, o sopro verde das palmeiras, e, em seguida, sinto a história ressurgir lentamente, como uma estranha criatura se elevando das profundezas do mar. Talvez eu consiga pôr um fim a tudo isso agora. Talvez eu perdoe a mim mesma e essa história me carregue em seus braços enquanto eu viver.

O capitão soa o apito anunciando nossa chegada, e eu penso: *Sim, estou de volta, a mulher que foi ao fundo e voltou. Que queria*

*nadar como os golfinhos, saltando e mergulhando sobre as ondas.  
Que apenas queria ser ela mesma.*

# 1

No dia 17 de fevereiro de 1988, abri meus olhos e ouvi uma sequência de sons: primeiro o telefone tocando do outro lado da cama, acordando-nos às 5h04 da manhã, para algo que só poderia ser uma catástrofe; depois o barulho da chuva sobre o telhado de nossa casa de estilo vitoriano, descendo sorrateiramente até o porão; e, por fim, os pequenos sopros compassados que saíam dos lábios de Hugh com a precisão de um metrônomo.

Eu ouvira esse som por vinte anos, mesmo quando ele estava desperto. Sentava-se em sua poltrona de couro depois do jantar e passava os olhos pelas revistas de psiquiatria empilhadas no chão, criando o ritmo que regulara toda a minha vida.

O telefone tocou mais uma vez e eu continuei deitada, esperando que Hugh atendesse, certa de que deveria ser um de seus pacientes, provavelmente o esquizofrênico paranoico que telefonara na noite anterior dizendo que a CIA o havia cercado num prédio do governo no centro de Atlanta.

Tocou uma terceira vez, e Hugh agarrou o telefone:

“Sim, alô?”, atendeu com a voz rouca, bêbada de sono.

Rolei na cama, afastando-me dele; e, do outro lado do quarto, a luz baça e líquida que escorria pela janela me lembrou de que era Quarta-Feira de Cinzas, trazendo à tona um irremediável sentimento de culpa.

Meu pai morrera numa Quarta-Feira de Cinzas, quando eu tinha nove anos de idade; e, de um modo confuso — que não fazia sentido para ninguém a não ser para mim —, acontecera por minha causa, ao menos em parte.

O barco dele se incendiara, disseram, quando o tanque de combustível explodiu. Destroços do barco vieram dar na praia semanas depois, até uma parte da popa com o nome *Jes-Sea* pintado nele. Ele batizara o barco em minha homenagem — não ao meu irmão, Mike, nem mesmo à minha mãe, que ele adorava, mas a mim, Jessie.

Cerrei os olhos e vi chamas de óleo incandescentes num furor alaranjado. Uma reportagem no jornal de Charleston lançou uma suspeita de sabotagem em relação à explosão. Houve uma breve investigação, embora nada tivesse sido apurado — coisas que Mike e eu descobrimos apenas porque surrupiamos o recorte de jornal da gaveta da penteadeira de mamãe, um lugar soturno e secreto, cheio de terços partidos, medalhas de santos abandonadas, reproduções de ícones sagrados e um pequeno crucifixo sem o braço esquerdo de Cristo. Ela jamais imaginaria que fôssemos nos aventurar a mexer em todo aquele sacrário alquebrado.

Recorri àquele terrível santuário quase todos os dias ao longo de um ano, e lia a reportagem de forma obsessiva, especialmente uma das frases: “A polícia suspeita de que uma brasa de seu cachimbo possa ter incendiado um vazamento do tanque de combustível”.

Eu dera o cachimbo a ele no Dia dos Pais. Até então, ele nunca havia fumado.

Ainda não conseguia pensar nele sem a palavra “suspeita”, além de associá-lo a este dia, já que ele se transformara em cinza na mesma data em que as pessoas, em todos os lugares — incluindo eu, Mike e minha mãe —, iam à igreja para receber uma marca de cinza sobre a testa. Mais uma ironia entre tantas outras obscuras coincidências.

“Sim, claro que me lembro de você.” Ouvi Hugh dizer, gesticulando para que eu prestasse atenção à conversa ao telefone em meio à escuridão antes do amanhecer. E continuou: “Sim, aqui estamos todos bem. E como vai tudo por aí?”.

Pela conversa, não deveria ser um paciente. E também não era nossa filha, Dee, disso eu tinha certeza. Porque percebi pelo tom formal em sua voz. Imaginei se seria um dos colegas de Hugh. Ou um residente do hospital. Às vezes, eles ligavam para fazer uma pergunta sobre um caso, embora normalmente não fizessem isso às *cinco* da manhã.

Empurrei-me para fora das cobertas e fui descalça até a janela, do outro lado do quarto, para checar se o porão acabaria inundado mais uma vez, apagando a chama-piloto do aquecedor de água. Observando o dilúvio gelado que caía do lado de fora, envolto em

uma bruma azul, e a torrente de água que já enchia a rua, eu tremi, desejando que nossa casa fosse mais fácil de ser aquecida.

Quase enlouqueci Hugh para comprar esta casa imensa e pouco prática, e, mesmo depois de sete anos morando nela, me recusava a criticá-la. Eu amava o pé-direito alto e os vitrais sobre as janelas. E a pequena torre — meu Deus, eu amava aquela torre. Quantas casas tinham uma dessas? Era preciso galgar uma escada em espiral por dentro dela para chegar ao meu estúdio de arte, um sótão adaptado no terceiro andar da casa, com teto abruptamente inclinado e uma claraboia. O cômodo era tão reservado e tão encantador que Dee costumava chamá-lo de “torre da Rapunzel”. Ela sempre me provocava em relação ao meu estúdio: “Mãe! Quando você vai jogar suas tranças?”.

Era assim que Dee zombava de mim, sendo divertida, sendo ela mesma, mas ambas sabíamos o que ela queria dizer: que eu havia me tornado muito irritadiça, sempre na defensiva. No último Natal, quando minha filha passou alguns dias conosco em casa, preguei uma charge com um ímã na geladeira onde se lia: A MELHOR MÃE DO MUNDO. Na imagem, duas vacas pastavam idilicamente. Uma dizia à outra: “Não importa o que digam, não estou satisfeita”. Era uma piada dirigida à Dee.

Lembro agora o quanto Hugh riu ao ler isso. Ele interpretava as pessoas como se fossem meras borras de café, mesmo não acreditando em métodos de adivinhação. Dee fitou a imagem por um longo tempo e depois me lançou um olhar dúbio. Não tinha achado graça alguma na brincadeira.

Para dizer a verdade, eu me sentia *de fato* inquieta. Tudo começou no outono — não tinha ânimo algum para ir até meu estúdio, um sentimento de que o tempo estava passando, de que tudo estava sendo adiado, contido. Essa sensação me tomava de súbito — de forma tão inesperada quanto a insatisfação das vacas no pasto, ruminando eternamente seu bolo alimentar.

Durante o inverno, o sentimento cresceu, ao observar uma vizinha correr pela calçada na frente de casa, treinando, supunha eu, para escalar o Kilimanjaro. Ou ao escutar uma amiga do meu clube de leitura descrever, passo a passo, como fez bungee jump de uma ponte na Austrália. Ou — e esse era o pior — ao assistir a um

programa de tv sobre uma mulher corajosa que viajara sozinha pelos mares azuis da Grécia, o que me deu a sensação de estar tomada pela luz que resplandecia daquelas imagens, o sangue, a seiva, o vinho, a existência, o que quer que fosse aquilo. Sentia-me apartada da imensidão do mundo, das coisas extraordinárias que as pessoas executam na vida, embora, na verdade, eu não quisesse fazer nenhuma delas. Eu ainda não sabia o que queria, mas a ansiedade que sentia em querer descobrir era perceptível.

Junto à janela, naquela manhã, senti o modo rápido e furtivo com que isso se insinuava, e eu não sabia o que pensar. Hugh achava que aquele meu desânimo tivesse alguma relação com o fato de Dee estar fora de casa, na faculdade, uma sensação clichê de ninho abandonado pelo filhote que se foi.

No outono passado, depois de levá-la para a Universidade Vanderbilt, corremos para casa para poder competir no Waverly Harris Cancer Classic, um torneio de tênis para o qual ele havia se preparado ao longo de todo o verão. Ele enfrentara o calor abrasante da Geórgia por três meses, treinando duas vezes por semana com uma bela raquete Prince. Eu acabei chorando todo o caminho de volta para casa desde Nashville. Continuava vendo Dee na porta de seu alojamento, acenando, enquanto nosso carro se afastava. Ela tocou o olho, o peito e depois apontou para nós: um gesto que ela repetia desde pequena. Olho. Coração. Vocês. Aquilo acabou comigo. Quando chegamos em casa, apesar de meus protestos, Hugh ligou para Scott, seu parceiro na dupla, para que tomasse seu lugar no torneio, e ficou em casa assistindo a um filme comigo. *A força do destino*. Ele fez muita força para fingir que tinha gostado.

A profunda tristeza que eu sentira no carro naquele dia perdurou por umas duas semanas, mas afinal acabou passando. Eu *sentia* falta de Dee — claro que sim —, mas não acreditava que aquele fosse o verdadeiro problema.

Passado um tempo, Hugh insistiu que eu visse a dra. Ilg, uma das psiquiatras que trabalhava em seu consultório. Recusei-me a vê-la sob a alegação de que ela tinha um papagaio em sua sala.

Eu sabia que isso iria irritá-lo. Esse não era o verdadeiro motivo, é óbvio — não tenho nada contra ninguém que tenha papagaios, a

não ser pelo fato de mantê-los em gaiolas. Mas usei esse artifício como modo de fazê-lo entender que eu não iria seguir o conselho dele. Foi um dos raros momentos em que não o ouvi.

“Ela tem um papagaio, e daí?”, ele perguntou. “Você iria gostar dela.”

Provavelmente sim, mas eu não estava convencida de que queria fazer isto: revirar minha própria infância, como se olhasse para uma sopa de letrinhas, tentando reordenar o alfabeto, na esperança de formar frases iluminadas que explicassem por que tudo acontecera daquele jeito. Parecia uma insubordinação da minha parte.

Veza por outra, no entanto, eu me submetia a sessões imaginárias com a dra. Ilg. Contava a ela sobre meu pai, e, puxando um pigarro, ela anotava isso em seu caderninho — o que, aparentemente, era a única coisa que ela fazia. Imaginava seu papagaio como uma impressionante cacatua branca empoleirada no espaldar de sua poltrona, entoando todo tipo de comentário repetidas vezes, como o coro de uma tragédia grega: “Você se sente culpada, você se sente culpada, você se sente culpada”.

Pouco tempo atrás — e não sei dizer o que me levou a fazer isso —, contei a Hugh sobre essas sessões imaginárias com a dra. Ilg, e até mesmo sobre o pássaro. Ele sorriu e disse: “Talvez você devesse se consultar apenas com o papagaio. A sua dra. Ilg parece uma idiota”.

E então, do outro lado do quarto, Hugh estava ouvindo a pessoa falar, e concordava com ela, resmungando ao telefone: “Ahã, ahã...”. Seu rosto se contorcia com aquela expressão que Dee costumava chamar de “a grande ruga”, grave, atento ao que era dito, movimentando os vários pistões de seu cérebro — Freud, Jung, Adler, Horney, Winnicott —, subindo e descendo um depois do outro.

O vento rufava sobre o telhado e eu podia ouvir a casa começar a cantar — como sempre fazia — com a voz lírica de uma cantora de ópera. Também havia portas que se recusavam a fechar, antigos vasos sanitários que, de repente, deixavam de funcionar (“Os vasos estão com retenção anal de novo!”, Dee gritava), e eu tinha de ficar sempre de olho para evitar que Hugh exterminasse os esquilos voadores que habitavam a lareira do escritório. Se um dia nos

divorciássemos, ele costumava brincar, seria por causa dos esquilos.

Mas eu amava tudo aquilo, realmente eu amava. Odiava apenas as inundações do porão e os ventos no inverno. E agora, com Dee cursando o primeiro ano na Vanderbilt, o vazio — isso eu odiava.

Hugh encurvava-se do seu lado da cama, apoiando os cotovelos nos joelhos, e o alto de sua espinha aparecia através do pijama. Ele disse: “Você entende que esta é uma situação muito séria, não? Ela precisa procurar alguém, digo, consultar um psiquiatra de verdade”.

Tive certeza de que se tratava de um residente do hospital, embora soasse como se Hugh estivesse dando uma bronca na pessoa, e isso não era de seu feitio.

Pela janela, a vizinhança parecia toda alagada, como se as casas — grandes como arcas — fossem despregar do chão e flutuar rua abaixo. Odiava pensar em chafurdar naquela sujeira, mas faria o que tivesse de fazer. Eu iria dirigindo até o Sagrado Coração de Maria, em Peachtree, e teria minha testa marcada com cinzas. Quando Dee era pequena, ela equivocadamente costumava chamar a igreja de “*Sangrado* Coração de Maria”. Nós duas, às vezes, ainda nos referimos a ela desse modo, e me ocorreu agora o quanto este nome era apropriado. Ou seja, se Maria ainda estivesse entre nós como tantas pessoas imaginavam, incluindo minha mãe, católica inveterada, talvez seu coração *realmente* sangrasse. Talvez por estar num pedestal alto e exigente demais: mãe devota, mulher amantíssima e todos os parâmetros de feminilidade perfeita. Provavelmente, estaria lá em cima olhando em volta, procurando uma escada, um paraquedas, alguma coisa que a ajudasse a descer.

Jamais perdi sequer uma celebração de Quarta-Feira de Cinzas desde que meu pai morrera, nem uma única vez. Nem mesmo quando Dee era bebê e tive de carregá-la comigo, embrulhando-a com mantas, munida de chupetas e mamadeiras com leite materno. Perguntei a mim mesma por que continuava me sujeitando àquilo — ano a ano, indo ao Sangrado Coração de Maria, o padre entoando sua lamúria: “Lembrai-vos de que sois pó e ao pó retornareis”. A marca de cinza sobre a testa.

Só sei que carreguei meu pai assim minha vida inteira.

Hugh estava em pé. Ele disse: “Você quer que eu diga a ela?”. Olhou para mim, e senti um frio na barriga. Imaginei uma onda brilhante descendo a rua, contornando a esquina onde a velha sra. Vandiver construíra um gazebo, muito próximo à sua garagem; a onda, não tão alta quanto um tsunami, mas uma elevação reluzente vindo em minha direção, arrastando o ridículo gazebo, as caixas de correio, as casinhas de cachorro, os postes de luz, os arbustos de azaleias. Uma lavagem desastrosa e providencial.

“É para você”, disse Hugh. Num primeiro instante, eu não me mexi, e ele repetiu: “*Jessie*. A ligação... É pra você...”.

Ele me estendeu o telefone, olhando em minha direção, com seus cabelos grossos grudados na parte de trás da cabeça como os de uma criança, a testa franzida, parecendo perturbado, a água escorrendo pela janela, como trilhões de gotículas de estanho desabando sobre o telhado.

---

\* *Jessie*, o nome da protagonista, tem o mesmo som de “Jes-Sea” — o nome do barco, que faz um trocadilho com *sea* (“mar”). (N. T.)

## 2

Puxei o roupão dobrado que estava ao pé da cama. Coloquei-o nos ombros e agarrei o telefone, enquanto Hugh se levantava, hesitante, sem saber se saía de perto ou não. Cobri o bocal: “Ninguém morreu, né?”.

Ele fez com a cabeça que não.

“Vá se vestir. Ou então volte pra cama”, eu disse.

“Não, espere...”, exclamou, mas eu já estava falando ao telefone. Ele se virou e entrou no banheiro.

“Ah, coitadinha! Acordei você antes do nascer do sol!”, disse a mulher do outro lado da linha. “Mas saiba que foi sem querer. Estou acordada há tanto tempo que esqueci que ainda é cedo.”

“Desculpe-me”, respondi, “quem está falando?”

“Oh, meu Deus! Que boba que eu sou! Pensei que fosse reconhecer minha voz. É a Kat. Kat, da ilha da Garça. Sua madrinha Kat. A Kat que trocou suas fraldas sujas.”

Fechei os olhos instintivamente. Ela fora a melhor amiga de minha mãe por toda a vida: uma mulher baixinha, por volta dos sessenta anos de idade, que usava meias com rendinhas e sapatos de salto alto. Uma curiosa velhota excêntrica, cujas qualidades diminuíram ao longo dos anos, junto com sua estatura. Foi uma grande e perigosa decepção.

Sentei-me novamente na cama, porque só haveria uma razão para ela ligar: minha mãe, a louca Nelle Dubois. E, pela reação de Hugh, as notícias não eram boas.

Mamãe vivia na ilha da Garça, onde havíamos morado todos como uma família “normal”, exceto pelo fato de vivermos ao lado de um mosteiro beneditino. Não se pode ser vizinha de trinta ou quarenta monges e continuar se considerando normal.

Depois da explosão, os destroços do barco de meu pai vieram dar no terreno deles. Alguns monges trouxeram a tábua onde se lia *Jes-Sea* e a entregaram à minha mãe, como uma bandeira num enterro com honras militares. Ela acendeu a lareira, e depois chamou Kat e Hepzibah, a terceira parte da trindade. Elas se postaram ao lado dos

monges, enquanto minha mãe lançou, pesarosa, a tábua sobre as chamas. Vi as letras se escurecerem à medida que a prancha queimava. Às vezes eu ainda me lembrava da cena, ao acordar no meio da noite, e também me lembrei dela durante minha cerimônia de casamento. Não houve vigília, enterro, missa, apenas aquele momento para ser lembrado.

Foi depois disso que mamãe passou a ir ao mosteiro para preparar o almoço para os monges, o que vinha fazendo nos últimos trinta e três anos. Ela demonstrava um tipo de obsessão em relação a eles.

“Creio que esta ínfima ilha poderia ser tragada pelo mar que você não iria dar a mínima”, disse Kat. “Quanto tempo faz? Cinco anos, seis meses e uma semana desde a última vez que esteve aqui?”

“Creio que sim”, respondi. Minha última visita, quando minha mãe completou setenta anos, foi um desastre de proporções bíblicas.

Fui com Dee, que tinha na época doze anos, e demos à minha mãe de presente um lindo pijama de seda vermelha da Saks, bem oriental, com um dragão chinês bordado no alto. Ela se recusou a aceitá-lo pela razão mais boba. Ela não gostou do dragão, chamando-o de “besta”, “demônio” e “figura depravada”. Santa Margarida de Antioquia fora engolida por Satanás na forma de um dragão, disse ela. Eu realmente acreditava que ela iria dormir vestida com aquela coisa?

Quando ela falava assim, ninguém conseguia movê-la. Arremessou o pijama na lata de lixo e, em seguida, eu fiz as malas para vir embora. Da última vez que vi minha mãe, ela estava de pé na varanda, aos berros: “Se for, não precisa mais voltar!”. E a Dee, pobre Dee, que apenas queria ter uma avó quase normal, estava aos prantos.

Naquele dia, Kat nos levou até a balsa em seu carrinho de golfe, que ela dirigia feito louca pelas estradas de terra batida da ilha. Ficou apertando a buzina sem parar ao longo de todo o trajeto para fazer minha filha parar de chorar.

Agora, do outro lado da linha, Kat continuava tirando um sarro de mim em relação à minha ausência da ilha, uma ausência que eu passara a venerar.

Ouvi o chuveiro ser ligado no banheiro. O barulho da água encobriu o som da chuva que batia contra as janelas do lado de fora.

“Como está Benne?”, perguntei, mudando de assunto, tentando ignorar a estranha sensação de que algo pairava sobre minha cabeça, prestes a me atingir.

“Ótima”, Kat respondeu. “Ainda adivinhando tudo o que o Max pensa.”

Eu ri, apesar de sentir minha ansiedade aumentar. A filha de Kat, que hoje deveria ter quarenta anos, não “regulava bem”, desde a infância, como Kat dizia. A expressão correta seria “problemas mentais”, mas Benne também tinha dons premonitórios excepcionais, com uma exatidão estranha. Ela simplesmente sabia das coisas, tirando-as do nada, conectada de forma misteriosa por antenas invisíveis que ninguém mais tinha. Ela dizia gostar de adivinhar os pensamentos de Max, um simpático cão que vivia na ilha.

“Então, e o que o Max tem pensado ultimamente?”

“As coisas de sempre: ‘Preciso coçar minhas orelhas, preciso lambe minhas patas. Acha que vou buscar aquele galho imbecil só porque você o jogou para longe?’”.

Eu podia visualizar Kat em sua casa sobre palafitas, como todas as outras da ilha. Era pintada de verde-limão. Conseguia vê-la sentada à longa mesa de carvalho, na cozinha, onde, durante muitos anos, ela, minha mãe e Hepzibah abriram e limpavam dez mil siris. As Três Garceiras, como meu pai costumava chamá-las.

“Olha, eu liguei para falar sobre sua mãe.” Ela pigarreou. “Você precisa vir vê-la, Jessie. E não me dê nenhuma desculpa.”

Recostei-me na cama. Senti-me desmoronar, meu último alicerce cedendo dentro de mim, naufragando num mar encapelado.

“A minha desculpa”, respondi, “é que ela não quer me ver aí. Ela é...”

“... *impossível*. Eu sei. Mas você não pode continuar fingindo que não tem mãe.”

Quase soltei uma gargalhada. Eu não poderia continuar fingindo que não tinha mãe, como não poderia fingir que o mar não é salgado. Minha mãe continuava existindo para mim como uma

vingança. Às vezes, sua voz reverberava dentro de mim e me tirava o chão sob os pés. Eu disse:

“Convidei mamãe para vir no último Natal. Ela veio? Claro que não. Mandeí presentes para ela em seu aniversário, no Dia das Mães (sem nenhum dragão bordado, aliás), e ela nunca me agradeceu.”

Achei ótimo que Hugh ainda estivesse tomando banho e não pudesse ouvir a conversa. Com certeza meu tom de voz tinha se elevado.

“Ela não precisa de seus presentes e de seus telefonemas: ela precisa de você.”

*De mim.*

Por que sempre terminava assim, em *mim*, na filha? Por que ela não ligava para Mike na Califórnia e enchia a paciência dele? A última vez que falei com ele, contou-me que tinha se tornado budista. Certamente, como budista, deveria ter mais paciência com ela.

Ficamos em silêncio. Ouvi o chuveiro ser desligado, a água parar de correr pelos canos.

“Jessie”, ela disse, “o motivo de eu ter ligado é que... Ontem, sua mãe decepou um dedo com um cutelo de carne. O indicador da mão direita.”

Más notícias têm efeito retardado sobre mim. Ouço as palavras, mas elas não fazem sentido. Ficam suspensas num canto da sala, esperando pelo momento certo, enquanto meu corpo se prepara para assimilá-las. Perguntei: “Ela está bem?”.

“Ela vai ficar ótima, mas teve de se submeter a uma operação na mão no hospital em Mount Pleasant. Claro que teve um dos seus famosos faniquitos e recusou-se a passar a noite no hospital, então eu a trouxe para casa ontem à noite. Neste exato momento, ela está deitada na cama de Benne, dormindo, depois de tomar os analgésicos, mas quando acordar, vai querer voltar para casa.”

Hugh abriu a porta do banheiro e um bafo de vapor invadiu o quarto.

“Você está bem?”, ele sussurrou.

Assenti com a cabeça. Ele tornou a fechar a porta, e eu o ouvi bater a lâmina de barbear na beirada da pia. Sempre três vezes.

“É o seguinte...”. Kat hesitou e tomou fôlego. “Olha, vou direto ao assunto. Não foi um acidente. Sua mãe se dirigiu até a cozinha do mosteiro e cortou fora o próprio dedo. De propósito!”

E então a notícia me pegou — pesada, repulsiva. Eu me dei conta de que, intimamente, esperava que ela fizesse alguma loucura havia muito tempo. Mas não isso.

“Mas por quê? Por que faria isso?” Comecei a me sentir nauseada.

“É bastante complicado, eu suponho, mas o médico que fez a cirurgia disse que pode estar relacionado à privação de sono. Nela não vinha dormindo direito havia vários dias, ou, quem sabe, semanas.”

Meu estômago contraiu-se de dor. Atirei o telefone em cima da cama, passei correndo por Hugh, que estava diante da pia com a toalha em volta da cintura. O suor escorria pelas minhas costas. Arranquei o roupão e me curvei sobre o vaso sanitário. Assim que terminei de pôr para fora o pouco que restara de comida dentro de mim, retomei o fôlego.

Hugh me passou uma toalha umedecida. “Sinto muito”, ele disse. “Queria ter-lhe contado eu mesmo, mas ela insistiu em falar com você. Eu não deveria ter deixado.”

Apontei para a cama no quarto, do outro lado da porta. “Preciso de um tempo, só isso. Larguei o telefone em cima da cama.”

Ele foi até lá e pegou o fone, enquanto eu colocava a toalha úmida sobre a minha nuca. Afundei na cadeira de vime do quarto, esperando meu estômago se acalmar.

“É algo muito difícil para ela ouvir assim”, eu o ouvi dizer.

Minha mãe sempre foi muito fervorosa, obrigando a mim e ao Mike a depositar moedinhas em garrafas de leite vazias para os “bebês pagãos”, e toda sexta-feira acendíamos velas votivas para o Sagrado Coração de Jesus em altos jarros de vidro, e ela se ajoelhava no quarto, onde rezava as cinco dezenas do terço, beijando o crucifixo — que já estava até gasto de tanto ser esfregado com devoção. Mas as pessoas fazem essas coisas. E não significa que são loucas só por causa disso.

Depois do incêndio no barco, mamãe se transformou em uma Joana d’Arc — mas sem exército ou guerras, apenas suas

estranhas compulsões religiosas. Mesmo assim, apesar disso, pensei que fosse uma louca mansa, apenas um pouco mais fervorosa do que o normal. Quando ela passou a usar um sem-número de medalhinhas de santos que tilintavam presas ao sutiã e a cozinhar para os monges do mosteiro, como se mandasse naquele lugar, convenci-me de que ela estava apenas obcecada por sua salvação perante a Igreja católica.

Caminhei até ele e estendi a mão para pegar o telefone, e então Hugh o passou para mim. “Isso não é um caso grave de insônia”, eu disse a Kat, interrompendo o que quer que fosse que ela estivesse dizendo a Hugh. “Ela finalmente enlouqueceu.”

“Nunca mais diga isso!”, gritou Kat. “Sua mãe não está *louca*. Ela está atormentada. Há uma grande diferença entre as duas coisas. Vincent van Gogh cortou a própria orelha... Você acha que *ele* era louco?”

“Sim, pra falar a verdade, eu acho.”

“Bem, várias pessoas muito bem informadas acreditam que ele estivesse *atormentado*”, ela respondeu.

Hugh continuava em pé à minha frente. Fiz um sinal para que ele se afastasse, pois não conseguia me concentrar com ele ali parado daquele jeito. Balançando a cabeça, ele entrou no closet do outro lado do quarto.

“E mamãe está atormentada com o quê? Por favor, não me diga que é com a morte do meu pai. Isso foi há trinta e três anos.”

Sempre tive a sensação de que Kat escondia fatos sobre minha mãe que permaneciam incógnitos para mim, como se fosse um quarto secreto que existe atrás de uma parede qualquer. Ela não respondeu imediatamente, e eu duvidei de que fosse me contar a verdade dessa vez.

“Você procura uma razão”, ela disse, “e isso não ajuda em nada. Não muda o presente.”

Suspirei no exato momento em que Hugh saiu do closet vestindo uma camisa azul de manga comprida abotoada até o pescoço, shorts brancos e meias azul-marinho. Ficou parado ali, colocando o relógio no pulso, fazendo o mesmo som: os soprinhos com os lábios entreabertos.

Para mim, a cena parecia ser sempre a mesma — metódica, diária, contínua —, uma repetição que eu havia testemunhado mil vezes, sem qualquer vestígio de revolta; mas foi naquele momento tão pouco previsível, em que a crise de mamãe se abateu sobre mim de modo tão inesperado, que senti o descontentamento familiar cultivado em mim durante todo o inverno. Ele emergiu com tanto ímpeto que parecia que alguém havia me atingido fisicamente.

“E então”, Kat perguntou, “você vem ou não?”

“Sim, eu vou. Claro que vou.”

Ao dizer isso, senti um alívio. Não pelo fato de voltar à minha casa na ilha da Garça e ter de lidar com esta situação grotesca: não havia alívio nisso, apenas um tremor subterrâneo. Não, esse imenso alívio se devia — e eu me dei conta só depois — ao fato de que eu iria me afastar da minha casa, *ponto*.

Sentei-me na cama segurando o telefone, surpresa comigo mesma e, ao mesmo tempo, envergonhada. Porque, embora a situação com minha mãe fosse terrível, eu estava quase feliz por conta disso. Eu estava me permitindo uma coisa que ignorara até então, algo que eu desesperadamente queria: um motivo para sair. Um belo, adequado, e até mesmo nobre motivo para abandonar meu lindo pasto.

### 3

Quando desci, Hugh estava preparando o café da manhã. Ouvi o chiado da salsicha Jimmy Dean antes de entrar na cozinha.

“Não estou com fome”, eu disse a ele.

“Mas você precisa comer”, respondeu. “Você não vai pôr tudo para fora de novo, acredite em mim.”

Sempre que surgia alguma crise, Hugh preparava esses imensos cafés da manhã. Parecia acreditar em seu poder regenerativo.

Antes de descer, ele havia feito uma reserva de passagem só de ida para Charleston e conseguira cancelar as consultas do começo da tarde com seus pacientes para poder me levar até o aeroporto.

Sentei-me ao balcão e rememorei certas imagens que rondavam minha cabeça: o cutelo de carne, o dedo indicador de minha mãe.

A porta da geladeira se abriu com seu barulho peculiar, depois se fechou. Observei Hugh quebrar quatro ovos. Postou-se diante do fogão segurando a espátula e, em seguida, mexeu os ovos na frigideira. Seu cabelo encaracolado castanho e ainda úmido tocava a parte de cima do seu colarinho. Pensei em dizer algo sobre ele estar precisando de um corte de cabelo porque já se parecia com um hippie fora de época, mas me contive, ou melhor, amorteci em minha língua o impulso de dizê-lo.

Em vez disso, olhei fixamente para ele. As pessoas sempre olhavam fixamente para Hugh — em restaurantes, filas de teatro, livrarias. Eu as pegava olhando para ele furtivamente, sobretudo as mulheres. Seus cabelos e seus olhos tinham a cor sóbria do outono, que lembram cornucópias e o milho indiano, e tinha uma linda covinha no meio do queixo.

Certa vez, brinquei dizendo que, quando entrávamos em qualquer recinto, ninguém reparava em mim porque ele era muito mais bonito do que eu, e ele se viu obrigado a dizer que eu era bonita. Mas, na verdade, eu não conseguia me equiparar a ele. Ultimamente, a pele em torno dos meus olhos cobriu-se com uma fina trama de linhas entrecortadas, e, por vezes, eu ficava em frente ao espelho puxando minhas têmporas para trás com a ponta dos dedos. Sempre tive

cabelos castanho-escuros, mas já estavam cheios de fios brancos. Pela primeira vez, sentia-me empurrada para o esconderijo das mulheres que entram na menopausa. Minha amiga Rae já havia cruzado a soleira dessa morada e tinha apenas quarenta e cinco anos.

Envelhecer parecia mais confortável para Hugh com sua beleza madura, mas não era tanto quanto a combinação de inteligência e gentileza perceptíveis em seu rosto que atraía as pessoas. Foi o que me cativou desde o início.

Eu me apoiei no balcão, e o frio do granito resvalou em meus cotovelos, trazendo-me de volta a lembrança de quando nos conhecemos, fazendo *força* para me recordar como eu era antes. Como nós *éramos* antes.

Ele apareceu na minha primeira pretensa exposição de arte, no estande que eu alugara no Mercado de Pulgas de Decatur. Eu tinha acabado de me formar na Agnes Scott, uma escola de arte para mulheres, e tinha muitas ideias infladas sobre vender meu trabalho, tornando-me uma artista de verdade. Ninguém, no entanto, ficou contemplando minhas caixas artísticas o dia inteiro, exceto uma mulher que se referia a elas como “caixas de sombra”.

Hugh, que fazia o segundo ano de residência psiquiátrica na Universidade Emory, fora ao mercado naquele dia para comprar legumes. No momento em que ele passou pelo meu estande, seus olhos se fixaram na caixa onde estava meu *Beijo de gansos*. Era uma concepção estranha, mas, de certo modo, era a minha favorita.

Pintei o lado de dentro como uma sala vitoriana — papel de parede cor-de-rosa envelhecido e abajures de chão com franjinha —, depois coloquei um sofá de casa de bonecas de veludo na caixa, com dois gansos de plástico colados sobre as almofadas, numa posição em que pareciam estar se beijando.

Eu me inspirei numa história de jornal sobre um ganso selvagem que abandonara o bando durante o voo migratório para ficar com sua parceira, que se machucara no estacionamento do shopping. O vendedor de uma das lojas levou a ave ferida para um abrigo, mas seu parceiro ficou vagando pelo estacionamento por uma semana, grasnando solitário, até que o vendedor também o levou para o

abrigo. O artigo dizia que eles tinham ganhado um “quarto” para ficarem juntos.

A notícia de jornal estava colada do lado de fora da caixa e eu coloquei uma buzina de bicicleta no alto, com uma bolinha vermelha na ponta, que soava como um ganso grasnando. Apenas a metade das pessoas que viu a caixa apertou a buzina. Imaginei que isso dizia alguma coisa sobre elas. Que elas seriam mais brincalhonas do que a maioria das pessoas, menos reservadas.

Hugh aproximou-se da caixa e leu o recorte, enquanto eu esperei para ver o que ele iria fazer. Ele apertou a buzina duas vezes.

“Quanto está pedindo por ela?”, perguntou.

Prendi a respiração, me armando de coragem para dizer que eram vinte e cinco dólares.

“Quarenta dólares pagam?”, ele completou, colocando a mão na carteira.

Hesitei novamente, intrigada com o fato de alguém pagar tanto por dois gansos se beijando.

“Cinquenta?”, ele tornou a me perguntar.

Mantive-me imóvel. “Está bem, cinquenta”, respondi.

Saímos naquela mesma noite. Quatro meses depois, estávamos casados. Por anos, ele guardou a caixa *Beijo de gansos* em seu armário, depois a deixou numa estante no escritório. Dois anos atrás, eu o vi em sua escrivaninha colando meticulosamente cada um dos pedaços.

Ele me confessou certa vez que pagou aquele preço tão alto apenas para me convencer a sair com ele, mas, na verdade, ele adorava a caixa, e apertar aquela buzina *realmente* tinha alguma coisa a ver com ele, dando uma pista sobre um lado do Hugh que poucas pessoas conheciam. Elas sempre notavam sua inteligência prodigiosa, a habilidade que ele possuía para dissecar e analisar, mas ele amava se divertir e, muitas vezes, provocava as coisas mais inesperadas: “Você gostaria de sair para comemorar a independência do México, ou preferiria ir a uma corrida de colchões?”. Passaríamos o sábado à tarde assistindo a um concurso em que as pessoas colocavam rodinhas debaixo de suas camas e corriam pelas ruas no centro de Atlanta.

As pessoas também raramente notavam como ele conseguia sentir as coisas de forma tão profunda e intensa. Meu marido ainda chorava quando um paciente se suicidava e, por vezes, ficava triste ao perceber os refúgios obscuros onde as pessoas se ocultam em suas mentes.

No outono passado, ao guardar a roupa depois de secá-la, encontrei a caixa de joias que pertencia a Hugh no fundo de sua gaveta de cuecas. Talvez eu não devesse, mas me sentei na cama e a vasculhei. Tinha todos os dentes de leite da Dee, diminutos e amarelos como grãos de milho de pipoca, e uma série de desenhos que ela fez usando o bloco de receitas dele. Estava ali o broche com a inscrição de Pearl Harbor que havia pertencido ao seu pai, o relógio de bolso do seu avô, os quatro pares de abotoaduras que eu comprara para ele em diversos aniversários de casamento. Retirei o elástico que prendia um pequeno maço de papéis e encontrei uma foto minha em nossa lua de mel nas montanhas Blue Ridge, posando na frente da cabana que alugamos. Os outros eram cartões e pequenos bilhetes de amor que escrevi para ele ao longo dos anos. Ele guardara tudo.

*Ele* foi o primeiro de nós dois a dizer “eu te amo”. Duas semanas depois de nos conhecermos, antes mesmo de dormirmos juntos. Estávamos num restaurante perto do campus da Emory, tomando café da manhã numa mesa junto à janela. Ele disse: “Sei muito pouco sobre você, mas eu te amo”. A partir daquele momento, seu compromisso foi inabalável. Mesmo hoje, raramente passa um dia em que ele não me diga isso.

No começo, eu o desejava muito, um desejo devastador que permaneceu até Dee nascer. Apenas a partir daí começou a arrefecer e passar a ser mais domesticado. Como animais tirados de seu meio selvagem e colocados em um hábitat simulado e confortável, onde se tornam complacentes, sabendo exatamente de onde virá sua próxima refeição. Sem caça ou surpresas.

Hugh colocou o prato com os ovos e a salsicha na minha frente: “Aí está”, ele disse.

Comemos, sentados lado a lado, as janelas ainda escurecidas, apenas com a tênue luz da manhã. A chuva rugia pelos bueiros parecendo janelas batendo à distância.

Recostei o garfo no prato e ouvi com atenção.

“Na ilha, quando chegavam as tempestades, as portas do porão em que nos escondíamos dos ciclones batiam desse modo”, eu disse, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Hugh parou de mastigar e olhou para mim.

“Mamãe colocava uma toalha em cima da mesa de cozinha e entrava debaixo dela comigo e Mike, depois lia para nós à luz da lanterna. Ela pregara um crucifixo sob a mesa. Deitávamos no chão e olhávamos para ele, enquanto ela lia. Chamávamos aquilo de ‘abrigo de tempestade’. Pensávamos que nada poderia nos atingir ali.”

Hugh estendeu o braço, e meu ombro escorregou para debaixo do dele, enquanto minha cabeça deslizava e se ajustava sob seu pescoço, num movimento automático, tão antigo quanto nosso casamento.

Ficamos sentados nesta posição, abraçados, enquanto os ovos esfriavam e as pancadas ao longe se repetiam, até eu sentir o amálgama de nossa vida: incapaz de dizer onde o ombro dele terminava e minha cabeça começava. Foi a mesma sensação que tive quando era criança, quando meu pai pressionou seu dedo contra o meu. Juntos, pareciam formar um único dedo.

Eu me afastei, endireitando-me na cadeira ao lado do balcão. “Não consigo acreditar que ela tenha feito isso”, eu disse. “Meu Deus, Hugh, você acha que ela vai precisar ser internada?”

“Eu não poderia dizer isso antes de falar com ela. Parece uma crise obsessiva.”

Vi Hugh olhar para o meu colo. Eu havia enrolado o guardanapo em volta do meu dedo como se tentasse estancar uma hemorragia. Desenrolei-o, totalmente sem graça diante do discurso instintivo do meu corpo.

“Por que o *dedo*?”, perguntei. “Entre tantas coisas...”

“Não há necessariamente um motivo ou razão para isso. É o que acontece nas obsessões: em geral, são irracionais.” Ele se levantou. “Olhe, por que eu não vou junto com você? Cancelo todos os meus compromissos. Vamos nós dois.”

“Não”, eu disse, num tom enfático. “Ela nunca vai se abrir com você em relação a esse assunto, sabe bem disso. E você já tem

seus pacientes aqui para tomar conta.”

“Está bem, mas não quero que você se responsabilize por isso sozinha.” Ele me deu um beijo na testa. “Ligue para a Dee. Diga a ela aonde você vai.”

Depois que ele saiu para trabalhar, eu fiz a mala, coloquei-a junto à porta, e subi para meu estúdio, para checar se o teto não havia vazado de novo.

Acendi a lâmpada e uma luz amarela e tênue cobriu minha mesa de trabalho: uma escrivaninha maravilhosa, feita de carvalho, que encontrara numa loja de móveis usados. Uma caixa semipronta estava desmontada sobre a mesa, coberta de pó. Eu parara de trabalhar nela em dezembro, quando Dee esteve em casa durante o recesso de Natal, e, por alguma razão, nunca mais voltara.

Eu estava inspecionando o chão à cata de goteiras quando o telefone tocou. Ao atender, ouvi a voz de Dee: “Adivinha?”, ela gritou.

“O quê?”

“O papai me mandou um dinheirinho a mais e eu comprei um casaco de marinheiro azul-escuro.”

Imaginei-a sentada com as pernas cruzadas em seu quarto no alojamento estudantil, com os longos cabelos sobre os ombros. Diziam que ela se parecia com Hugh. Eles tinham o mesmo aspecto iluminado.

“Um casaco de marinheiro, hein? Então, graças a Deus, desistiu de comprar a jaqueta Harley-Davidson.”

“E você, que tinha aquele casaco de camurça vermelha cheio de franjas de caubói?”

Sorri, mas a leveza que sempre senti ao falar com Dee começou a se esvaír ao me lembrar de mamãe. “Ouça, querida, eu ia ligar para você agora de manhã. Estou indo para a ilha hoje para ver sua avó. Ela não está bem.” Ocorreu-me que minha filha poderia pensar que ela estivesse morrendo, então resolvi contar a verdade.

A primeira coisa que Dee disse foi: “Que *foda!*”.

“Dee!”, exclamei, indignada, mas ela me chocara de verdade. “Isso não é bonito de se dizer.”

“Eu sei”, ela respondeu. “Como se você *nunca* tivesse dito essa palavra na vida.”

Suspirei fundo. “Desculpe, eu não queria chamar sua atenção.”

Ela ficou em silêncio por um momento. “Está bem, eu não deveria ter dito, mas o que a vovó fez foi muito macabro. Por que ela fez isso?”

Dee, que sempre teve uma visão muito aguçada para todo tipo de coisa, falhou ao tentar decifrar a avó, interpretando-a como uma excêntrica maravilhosa. Pensei que isso pudesse abalar suas ilusões de uma vez por todas.

“Não faço a menor ideia”, respondi. “Eu adoraria saber.”

“Você vai tomar conta dela, não vai?”

Fechei os olhos e pude ver minha mãe no abrigo de tempestade, onde a encontrei logo depois que papai morreu. Era um dia lindo e ensolarado.

“Vou tentar”, disse para Dee.

Depois que desliguei, sentei-me à minha escrivaninha e fiquei olhando para os pedacinhos de espelho cortado e conchas que havia colado na caixa antes de abandoná-la.

Eu *havia* dito aquela palavra. Em dezembro do ano passado, na época em que Dee estivera em casa. Eu estava no chuveiro. Hugh entrou no banheiro sem que eu percebesse, tirou a roupa e entrou no boxe por trás de mim, me dando um susto tão grande que dei um pulo para a frente, derrubando o frasco de xampu do suporte pendurado na torneira.

“Que foda!”, exclamei, o que não soou nem um pouco parecido comigo. Aquela palavra não fazia parte do meu vocabulário e eu não sei quem levou o susto maior: eu ou o Hugh.

Depois de uma pausa, ele deu uma gargalhada: “Isso mesmo. Foda era exatamente no que eu estava pensando”.

Eu não disse nada, nem me virei. Seus dedos tocaram as minhas costelas e passaram sob meus seios. Eu o ouvi grunhir baixinho. Tentei desejá-lo, mas me senti invadida. Permaneci imóvel sob o chuveiro como um tronco de árvore, petrificando aos poucos.

Logo depois, ouvi a porta do boxe se abrir e fechar em seguida. Ele decidira me deixar em paz.

Quatro dias depois disso, tentei arduamente compensá-lo. Entrei no chuveiro com Hugh não apenas uma, mas duas vezes, contorcendo-me em excêntricas posições de ioga. Na segunda vez,

acabei com uma marca vermelha de torneira nas minhas costas, uma tatuagem que mais parecia um pássaro amarfanhado.

Um dia, quando Dee havia saído com as amigas para fazer compras de liquidação de Natal, fui ao consultório de Hugh depois de seu último atendimento daquele dia, e sugeri a ele transarmos no sofá. Acho que teríamos feito isso se seu bipe não tivesse tocado. Alguma paciente tentara se matar. Dirigi sozinha de volta para casa, assim que desisti de repetir a façanha.

No dia seguinte, Dee voltou à faculdade.

Observei seu carro descer da calçada para a rua. Depois que virou a esquina, fui surpreendida por uma quietude sufocante, tal sua intensidade à minha volta.

A mesma quietude ressurgia agora em meu estúdio. Olhei para a claraboia. Estava coberta de folhas de olmo, transparecendo uma luminosidade densa e colorida. A chuva e o vento haviam cessado, e eu senti o silêncio tomar minha mente pela primeira vez.

Do lado de fora, os pneus do Volvo de Hugh subiram a calçada em frente à entrada da garagem. Ele bateu a porta do carro e o som reverberou pelas paredes. À medida que eu descia as escadas, percebi que os anos que havíamos vivido juntos acumulavam-se por toda parte, preenchendo a casa, e pareceu-me estranho como o amor e o hábito haviam se fundido tão intimamente, moldando nossa vida.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A cadeira da sereia"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).